

DÍVIDA EXTERNA

DO DE SÃO PAULO

ESTADO DE SÃO PAULO

Governo fará proposta ampla

Negociação com os credores leva em conta diferentes projeções de altas do petróleo

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — O governo não pretende apresentar aos bancos credores uma proposta inflexível, do tipo pegar ou largar, quando as negociações começarem, no dia 10 de outubro. A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, indicou ontem, numa entrevista coletiva em Washington, que a proposta brasileira contemplará pelo menos "dois cenários", atrelados a projeções diferenciadas dos preços do petróleo. Zélia disse que, depois de conversar com seus colegas de países produtores de petróleo, continua convencida de que as condições de mercado não sustentam os preços atuais e que eles deverão cair. Mesmo assim, afirmou que, ao abrir as conversas com os bancos, o governo brasileiro buscará convencê-los a discutir a capacidade de pagamento do Brasil com uma visão de médio prazo, "de cinco anos, e não do próximo balancete. Nesse contexto, há muitas opções e possibilidades", disse Zélia, que conseguiu com o Banco Mundial um crédito de US\$ 270 milhões para investimentos na área da Saúde.

A primeira rodada de conversações será dividida em três partes, segundo a ministra. O primeiro dia será dedicado à exposição ao comitê de bancos do programa econômico brasileiro, seus objetivos e os resultados até agora alcançados. O governo ainda não escalou quem fará essa apresentação. No segundo dia, o negociador da dívida, embaixador Jório Dauster, apresentará a proposta aos credores. Segundo Jório, ainda não foi decidido se a oferta a ser feita aos bancos será divulgada publicamente, mas deixou clara sua preferência de que a proposta seja apresentada somente a quem ela se dirige. "Em qualquer negociação, os detalhes são confidenciais", explicou. Divulgar a propos-



REUTER

Zélia em Washington: acordo com o Banco Mundial para investir US\$ 270 milhões em saúde

ta publicamente seria, segundo ele, a forma mais curta de impedir o avanço das negociações. Os bancos apresentarão suas reações iniciais no terceiro dia das conversas.

Procurando afastar a impressão estimulada nas últimas semanas pelos credores, de que o governo Collor estaria entrando nas negociações com uma atitude de má fé, Zélia reiterou que "não nos anima o espírito de confrontação".

A exigência dos bancos, de que o Brasil faça um pagamento adiantado de juros para estabelecer sua boa fé, não surpreende o governo nem leva ninguém em Brasília a perder o sono, afirmou Jório. Perguntado sobre declarações de alguns banqueiros, segundo as quais os bancos não se sentarão à mesa antes de receber um pagamento, o negociador da dívida respondeu: "Sem negociação, também não haverá pagamento". A ministra da Economia deixou aberta a possibilidade de o governo reiniciar os pagamentos de juros durante as negociações, dependendo da receptividade dos credores à proposta brasileira.